

PLATÃO: A FILOSOFIA COMO DIÁLOGO

G. Reale — H. G. Gadamer(*)

Encontrei H. — G. Gadamer pela primeira vez num seminário platônico no Liechtenstein em 1986. Discutimos longamente sobre a nova interpretação de Platão e, em não poucos pontos concordei com ele. Depois de dez anos, em 3 de Setembro de 1996, novamente nos encontramos em Tübingen, juntamente com o grupo dos platônicos de Tübingen e Milão, e com vários estudiosos de toda a Europa (entre outros H. Krämer, Th. Slezák, R. Brague, J. Halfwassen, K. Oehler, M. Migliori, e outros). Aproveitei para entrevistá-lo.

Gadamer tem noventa e seis anos, mas esse dado biográfico está em antítese nítida com a sua realidade espiritual. Parece tratar-se de um

* Entrevista concedida por Hans-Georg Gadamer a Giovanni Reale e publicada no jornal *Il Sole-24 Ore* de Milão (6 de Outubro de 1996). As perguntas finais que dizem respeito às relações de Gadamer com a Itália foram omitidas.

H. G. Gadamer, sem dúvida um dos mais importantes filósofos do nosso século, iniciador e inspirador da chamada "filosofia hermenêutica", intérprete insigne de Platão e da tradição literária da filosofia ocidental, fala-nos aqui com espontaneidade e simplicidade dos artigos fundamentais do seu credo filosófico e, sobretudo da arte do diálogo, procedimento inaugural do pensamento filosófico na Grécia, que Gadamer aprendeu com Platão e que praticou no seu brilhante diálogo com a tradição. Essa a razão principal da tradução dessa pequena entrevista, que sem dúvida interessará aos leitores de *SÍNTESE*. Lembramos que Gadamer publicou, em 1977, uma autobiografia intelectual, na qual, além de desenhar a linha da sua própria evolução espiritual e intelectual, traça o perfil de grandes filósofos alemães do nosso século, de Paul Natorp a Karl Löwith (*Philosophische Lehrjahre*, Frankfurt a. M., Vittorio Klostermann/1977) (N. d. T.; tradução de H. C. Lima Vaz, CES, BH).

jovem dotado de extraordinária energia. A entrevista começou às 9 horas e durou 40 minutos. Logo após iniciou-se o encontro que se prolongou até às 19 horas, com um breve intervalo para o almoço. Gadamer não apenas seguiu os trabalhos com a máxima atenção, mas interveio freqüentemente com argumentação pertinente e cheia de vida.

Mas, o dia não acabou aqui. Após o jantar alguns de meus colaboradores e estudantes que trabalham na tese "Gadamer, intérprete de Platão" dirigiram-lhe perguntas sobre os seus contactos com os grandes filósofos do século: Wilhelm Dilthey, Edmund Husserl, Paul Natorp, Martin Heidegger, Nikolai Hartmann, Hannah Arendt e muitos outros. Gadamer falou, sem interrupção, por uma hora e meia, com extraordinário entusiasmo. E dizia: *Algumas das coisas que digo e que dizem respeito aos grandes do nosso século, muitos as conhecem por tê-las lido. Eu as digo tendo-as vivido pessoalmente. Essa é a vantagem da velhice.* À meia-noite e meia consultou o relógio e exclamou: *Já é o dia seguinte! É preciso recolher-se porque partirei às 10, mas vocês devem partir antes, e é preciso levantar-se muito cedo!*

Gadamer encarna esplendidamente aquela grande qualidade que somente poucos possuem: permanecer sempre jovem!

R — Dirijo-lhe a primeira pergunta: "Durante toda a vida o Sr. freqüentou Platão. Como o encontrou pela primeira vez, e que relação tem com ele?"

G — Meu primeiro encontro aconteceu entre os bancos da escola, na minha cidade, Breslau, onde freqüentava o Gymnasium des heiligen Geistes (*Ginásio do Espírito Santo*). Nele era normal estudar também grego nos últimos anos. Era um ginásio reformado: começava-se com francês, continuava-se com latim, e no terceiro ano com grego. Porém no quarto ano do ginásio o grego era a disciplina central e se liam os Diálogos de Platão da primeira fase, mas também a *Apologia* de Sócrates, etc... Lembro-me bem de quando, muitos anos mais tarde, uma das minhas filhas que freqüentava uma escola inteligente do mesmo tipo e, por uma só vez no curso de toda a sua carreira de estudante, veio procurar-me no Instituto: deveria preparar um exame sobre um diálogo de Platão e nós o lemos juntos. Em grego, naturalmente, como era normal! Portanto, comecei lendo e estudando Platão na sua língua e continuo sempre a relê-lo.

R — "Nesse seu volume, que acaba de ser lançado em italiano, *Verità e Metodo 2*, o Sr. escreve uma frase muito bela que vou reler e que gostaria que comentasse: *Verdadeiramente se poderia escrever uma história da Metafísica como história do platonismo. As suas estações seriam Plotino e Agostinho, Meister Eckhart e Nicolau de Cusa,*

Leibniz, Kant e Hegel, o que significa todas aquelas tentativas do pensamento do Ocidente cujo questionamento avança além da doutrina da substância da tradição metafísica. Nessa série, o primeiro platônico seria nada menos do que Aristóteles. Pois bem, também estou perfeitamente de acordo quanto a este ponto. Com efeito, Diógenes Laércio escreve uma frase igualmente muito bela que transcrevi como epígrafe na página inicial da seção sobre Aristóteles da minha *História da Filosofia antiga* (tr. br., São Paulo, Loyola, 1994, p. 313): “Aristóteles foi o mais genuíno discípulo de Platão”. Mas, agora, retorno a pergunta: podemos escrever que o último grande platônico ainda vivo no fim do século XX é Hans-Georg Gadamer?

G — (Um sorriso complacente): Num certo sentido...

R — Peço que responda a essa pergunta. Estou convencido disto e lhe fornecerei algumas provas. Mas primeiro quero ouvir o que o Sr. me diz.

G — Entenda que uma tal pergunta, formulada nesse estilo, é demasiado honrosa para mim. Certamente, porém, há nela algo de verdade. Na minha ótica, Platão sempre me fascinou e me encontro muito perto dele pelo fato de que insistia na dialética da pergunta e da resposta. Lembro-me de uma discussão que tive com um jornalista e colega inteligente que lamentava o fato de que as outras personagens dos diálogos platônicos dizem sempre “Sim”, “Não”, “Talvez”, etc... e basta. Dizia-lhe então: “sim, tais respostas a essas perguntas podem ser mais ou menos substituídas: mas essa é uma técnica desses diálogos. Uma técnica que começa a ser recuperada em razão do novo interesse pela forma do diálogo. Será, talvez, muito difícil individuar a técnica dessa forma de diálogo nas outras personagens, com algumas exceções, mas trata-se, normalmente, de uma técnica de ensinamento que Platão ocultava.

R — Muito bem. Porém aqui trata-se de forma, método. No final da sua obra-prima, no primeiro volume de *Verdade e Método*, encontro a mais rica definição do belo no sentido platônico que tenha sido proposta no nosso século e que é, acima de tudo, uma defesa contra a dessacralização do belo que hoje se espalha por todo o mundo. O marxismo trouxe ao belo um grande prejuízo. Nesse ponto, o Sr. escreve que “o belo é o modo no qual o bem aparece, manifesta-se a si mesmo no seu ser e se apresenta”. Portanto, tem um valor hermenêutico no mais alto sentido. Pouco antes, o Sr. havia afirmado: “A beleza pode igualmente ser percebida como o resplendor de algo ultra-terreno e, no entanto, visível”. Fazer tal afirmação significa justamente reviver Platão. Desejo então perguntar: como chegou a essa conclusão? Por conta própria e, depois, a encontrou em Platão ou, ao contrário, foi justamente Platão o mestre na redescoberta do belo?

Pessoalmente considero que seja um dos pontos mais salientes do seu livro: recordar ao homem de hoje o sentido metafísico do belo.

G — Naturalmente a primeira alusão ou o primeiro fundamento sobre o qual desenvolvi a idéia da manifestação do bem na beleza veio-me do diálogo platônico *Filebo*, no fim do qual se encontra essa frase: nós, que estávamos à procura do Bem, no fim encontramos o Belo!

R — Exatamente.

G — Esse foi também, naturalmente, o tema do meu primeiro livro para a livre-docência (publicado originalmente sob o título *Platos dialektische Ethik*, Leipzig, Feliz Meiner Verlag, 1931; tradução italiana de G. Moretto em *Studi Platonici*, tr. it., Casale Monferrato, Marietti, 1983, I, pp. 3-184, com importante Prefácio de Gadamer) (N. d. T.). Sou de parecer, então, que não podemos prescindir do Belo se andamos à procura do Bem, e se formulamos perguntas sobre esse tema fundamental.

R — Outra pergunta, embora o Sr. já a tenha implicitamente respondido. Há dez anos, no encontro que tivemos no Liechtenstein, perguntei-lhe se no final do *Fedro* não se encontrava uma antecipação do "círculo hermenêutico", onde Platão diz que não se entende o escrito se não se aprendeu o conteúdo por outra via (se não se tem dele um pré-conhecimento). O Sr. é ainda de parecer que se trata aqui de uma vaga antecipação do "círculo hermenêutico", do qual é mestre?

G — Penso que isto é muito natural. As minhas primeiras reflexões sobre o "círculo hermenêutico", eu as desenvolvi naturalmente a partir de Heidegger. Mesmo então era para mim mais ou menos evidente que no *Fedro* há uma antecipação e uma aplicação do "círculo hermenêutico", de modo particular para descrever a Retórica. Uma boa forma de discurso deve começar por uma boa questão, encontrar um começo correto, articular a correspondência das partes entre si e chegar a uma conclusão também correta. Era esse o começo da cultura! Não se pode excluir a Retórica em proveito unicamente da Dialética e da Lógica. Lembro-me de que um dos amigos que frequentava, e ao qual havia dado um texto sobre Platão, depois de ler o manuscrito, disse-me: "Retórica, retórica, retórica...". Para ele isso significava que a Retórica era uma exposição desnecessária. Sem embargo, tem uma função importantíssima, é o começo da cultura!

O *Fedro* é o diálogo de Platão que mais amo: é o diálogo no qual estão unidas a dialética e a retórica, a amizade e a arte, com um sopro religioso. Não se pode reduzir Platão unicamente à lógica ou à dialética.

R — Numa página da sua obra principal impressionou-me muito uma alusão muito bela a aprender por meio do sofrimento.

G — Aprender por meio da dor, aprender sofrendo...

R — O Sr. cita Ésquilo como referência (mas poderia ser invocado também Platão que, no final da *República*, diz que para uma escolha acertada de uma nova vida para as almas que devem voltar aos corpos é determinante justamente a lição que a dor lhes proporcionou na vida anterior). Como a hermenêutica alcança essas admiráveis profundezas morais, que teriam muito a ensinar ao homem de hoje? Em que sentido, para o Sr., o sofrimento ajuda hermeneuticamente?

G — Sua pergunta é atualíssima. É muito verdade que precisamos reencontrar o sentido da dor e do sofrimento na educação de hoje. Falta a resistência. Trata-se de uma tentação e de uma ameaça entre as mais graves. Nos jovens essa ausência leva a buscar refúgio na droga. Também essa tentação nasce da falta de uma resistência necessária para desenvolver a auto-disciplina própria e pessoal.

R — Uma outra afirmação sua que muito me agradou foi a seguinte: a verdadeira experiência é tornar-se consciente da própria finitude. Explique-nos também esse ponto que é muito importante para o homem de hoje.

G — Escrevi no meu livro e expliquei como se chega à experiência da finitude e como alcançamos esse conceito. Em geral, a experiência é gradativa; dizemos a nós mesmos: isso é nosso, isso me pertence, e caminhamos adiante. Poderia invocar Parmênides que, por primeiro, viu e entendeu muito bem a experiência da finitude.

R — Ainda uma pergunta. O Sr. era muito amigo de Gerhard Krüger, do qual traduzimos em italiano a obra-prima (*Ragione e Passione, Vita e Pensiero*, Milão, 1995): esse livro teve um grande sucesso, está esgotando-se e estamos preparando a 2a. edição.

G — Ótimo!

R — Ora, eis a tese fundamental de Krüger: a razão é uma razão verdadeira quando entende que há algo além dela mesma. Logo, a razão é dependente. E o *eros* platônico é o sentido desse depender de algo ulterior. O Sr. que foi tão amigo de Krüger, com o qual lia os textos dos Gregos e de outros grandes, partilha com ele esse conceito ou se diferencia dele nesse ponto? É uma pergunta sobre a sua religiosidade.

G — Gerhard Krüger era um homem extremado e radical. Seus primeiros estudos e suas primeiras experiências tiveram lugar com

Nikolai Hartmann, ao passo que, mais tarde veio, como eu, estudar com Heidegger. Outro livro seu muito importante é o livro sobre Kant. Também ele, nos seus primeiros estudos insistia sobre a dialética e sobre o perguntar contínuo: perguntas, respostas e outras perguntas.

É esse o início de toda reflexão e era isso que Krüger fazia. E o perguntar contínuo é também o início de toda religiosidade. Foi isso que preparou sua conversão ao catolicismo. Heidegger também era fascinado em certo sentido pela religião. Mas não aceitava posições radicais e definitivas. De qualquer maneira, creio que a mensagem de Krüger estava centralizada no diálogo. No mundo de hoje a televisão eliminou o diálogo! Eis aí um produto da técnica e eis o que produziu a ciência, ou seja, a supressão do fundamento do humanismo. Krüger reconhecia isto.

R — No entanto, pessoalmente o Sr. considera que a razão perceba algo de ulterior com respeito a ela mesma? Ou então, pessoalmente, afirma: eu me detenho na razão?

G — Não acredito que seja possível negar que haja algo para além da razão. Mas, naturalmente, é uma outra questão dizer o que é esse além. Na busca contínua da razão não acredito que seja possível alcançar um primeiro princípio. Em todo o caso, creio que o problema da religião e de Deus é um mistério. É, porém, um mistério sem o qual não podemos viver. Em todo o caso, eu pertenço à confissão luterana. Lembro-me de ter dito recentemente algo semelhante a Gianni Vattimo. Ele escreveu um pequeno livro: *Credo di credere*. Observei-lhe que era essa a atitude de Lutero que, retomando uma frase do Evangelho de São Marcos, rezava assim: "Senhor, quero crer, mas ajuda a minha incredulidade".

R — Para concluir, que mensagem o Sr. gostaria de deixar-nos, a partir de Platão?

G — Revitalizar e conservar viva a cultura do diálogo, a cultura da conversa: essa, parece-me, é a grande mensagem de Platão.